

Heidegger: cartografias de um naufrágio ontológico

LEYTE, Arturo. **Heidegger: el fracaso del ser.** Barcelona (Espanha): Shackleton Books, 2024. 176 p. ISBN 978-84-1361-333-8. Obra original publicada em 2015.

Fábio Luiz Nunes¹

Martin Heidegger (1889-1976) é um dos mais decisivos pensadores do século XX, cujas formulações influenciaram a fenomenologia, a hermenêutica, o existencialismo, a teoria crítica, o pós-estruturalismo e a teoria da desconstrução, consolidando um legado que, certamente, ultrapassa a filosofia (Wrathall, 2025). Sua obra inaugural, *Sein und Zeit* (1927), reabriu a questão do ser, questionando a metafísica ocidental e provocando debates ontológicos que permanecem centrais. Apesar das controvérsias sobre seu vínculo com o nacional-socialismo, sua relevância sustenta interpretações críticas que buscam elucidar a potência e as tensões de sua filosofia. Nesse horizonte, insere-se a obra *Heidegger: el fracaso del ser*, publicada em 2015, e reeditada em 2024 pela Shackleton Books, ainda sem versão em português. A segunda edição revisita a estrutura conceitual do pensamento heideggeriano a partir do diagnóstico do “fracasso” da questão do ser, analisando suas implicações em um percurso filosófico marcado por deslocamentos, fragmentos e reformulações.

O autor, Arturo Leyte Coello, é catedrático de Filosofia na Universidade de Vigo, na Galiza, e um dos maiores especialistas espanhóis em hermenêutica e filosofia alemã. Sua formação acadêmica em filosofia e psicologia se deu na Espanha e na Alemanha, e sua produção intelectual abrange comentários críticos, traduções e ensaios sobre M. Heidegger, F. Schelling e F. Hölderlin. As contribuições do autor incluem traduções de textos raros e estudos sobre estética e pensamento contemporâneo. Leyte integra a Comissão Schelling da Academia de Ciências da Baviera; e colabora com instituições, como o Círculo de Bellas Artes de Madrid, atuando na difusão do pensamento filosófico.

“A propósito de este libro” é o texto de apresentação da obra, em que Arturo Leyte define os limites de sua investigação, renunciando a uma exposição enciclopédica para se

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG. E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>.

concentrar no problema fundamental que percorre a trajetória filosófica de M. Heidegger. O autor reconhece as dificuldades inerentes a essa tarefa, como o estado inacabado da obra heideggeriana, as controvérsias sobre a figura do filósofo e a ausência de consenso sobre o alcance de seu pensamento. A premissa de Leyte é que Heidegger havia se dedicado a uma única questão, cuja formulação e reformulação se tornaram conteúdo decisivo de sua filosofia. Avançando para “Preámbulo: una fotografía de Heidegger”, Leyte (2024) retrata aquele filósofo como uma figura paradoxal, cuja obra se localiza entre a culminação da tradição filosófica ocidental e a evocação profética de uma nova história. O autor afirma que a produção principal do filósofo teria ocorrido no período entreguerras, sugerindo que a catástrofe histórica da época pode ter implicado a própria filosofia em seu “último grande aparecimento épico”. A reintrodução da pergunta pelo *sentido do ser* é apresentada como uma ruptura calculada com as tendências dominantes do século XX, nomeadamente a tradição liberal-analítica e a socialista-marxista. A complexidade e o caráter fragmentado da obra heideggeriana, que o próprio filósofo admitiu ao deixar *Ser e tempo* inacabado (Heidegger, 1972 [1927]), são assim postos como elementos centrais para a compreensão de seu legado.

O primeiro capítulo, intitulado “La aventura ontológica”, inicia com a constatação de que nosso trato com o ser é primariamente “doméstico”, um pressuposto não tematizado nas atividades cotidianas. Leyte (2024) utiliza a distinção gramatical entre o substantivo (por exemplo, “martelo”) e o verbo (“martelar”) para introduzir a complexidade da questão, problematizando onde residiria *mais ser*. A investigação aponta que o “é” da predicação, embora seja funcional, continua esquecido; e seu significado, esvaziado, o que espelha a própria análise de Heidegger sobre a palavra “ser” ter se tornado um “vapor” (Heidegger, 2000 [1953]). A partir disso, Leyte (2024) diferencia a *ontologia geral*, que equaliza os entes sob um conceito universal, da *ontologia fundamental*, projeto heideggeriano que busca resgatar a relevância do sobrentendido. Esta última, segundo Leyte (2024), implica uma destruição da história da ontologia mediante a suspensão daquela ontologia geral que colonizou o acesso à coisa singular. Portanto, a tarefa é analisar e, sobretudo, desmantelar o pressuposto ontológico que iguala as manifestações do ser.

Continuando a análise em “La aventura ontológica”, Leyte (2024) argumenta que a ontologia tematiza as coisas interrompendo seu curso natural, fazendo com que algo deixe de ser para poder ser expressamente. Essa cisão estrutural é explorada por meio da noção de *fenômeno*, que não designa somente o que se mostra, mas o próprio “manifestar-se”, que inclui uma dimensão de ocultação. A distinção entre a *coisa* (em seu uso irrefletido) e o *ente* (como

objeto tematizado) conduz à diferença ontológica entre o ser e os entes. O lugar dessa diferença, segundo o filósofo aqui resenhado, é o ente que mantém uma relação intrínseca com o ser, nomeado por Heidegger como *Dasein* (em tradução livre do alemão, “ser-aí”). O autor assevera que *Dasein* não é uma designação antropológica para o homem, mas o nome para o ente cujo ser consiste em “compreender o ser”. Esse ponto é particularmente tratado por outros intérpretes, que identificam o *Dasein* como a resposta para a pergunta sobre o sentido do ser e como a fonte última do mundo (Sheehan, 2005). Leyte (2024) conclui o percurso do capítulo indicando que o objetivo da investigação de Heidegger é descortinar o sentido do ser em geral, a partir da análise do sentido do *Dasein*, que se revelará como temporalidade, abrindo o caminho para o tempo como horizonte de toda compreensão do ser.

No capítulo “Ser y tempo”, Leyte (2024) aborda a obra magna de Heidegger como um projeto interrompido, cuja parte escrita, a analítica existencial, é somente preparatória para a tarefa principal e não realizada: a “destruição da história da ontologia”. O escritor salienta que a recepção existencialista do texto, focando-se na descrição do *Dasein* como uma nova figura antropológica, desconsidera o objetivo último do tratado. Para ele, a analítica e a destruição não seriam duas fases sucessivas, mas tarefas estruturalmente vinculadas, de modo que a própria análise do ser-aí já iniciaria o desmonte da tradição metafísica (Leyte, 2024). Essa desmontagem crítica dos conceitos tradicionais é um procedimento metodológico fundamental para o filósofo alemão, como lembra Boedeker Jr. (2005). A intenção não seria, portanto, estruturar uma nova ontologia positiva centrada no homem, mas utilizar a analítica do *Dasein* como um recurso hermenêutico para deslocar a questão do ser de seu eixo substancialista e subjetivista, revelando-a como um fenômeno temporal. A estrutura do *ser-no-mundo*, por exemplo, dissolve a primazia de um sujeito cartesiano isolado de seu entorno (Dreyfus; Wrathall, 2005). A interrupção da obra, para Leyte (2024), ocorre justamente no ponto em que a temporalidade, denunciada pela finitude, se projeta como o sentido do ser do *Dasein*, indicando o caminho para a questão do sentido do ser em geral.

“La verdad y el arte” é o terceiro capítulo da obra e, nele, o autor argumenta que a questão do ser, após o malogro de *Ser y tiempo*, é reconfigurada a partir do problema da verdade (*aletheia*). Leyte (2024) desenvolve essa passagem por meio da reinterpretação heideggeriana da alegoria da caverna de Platão. O autor opera uma distinção entre uma leitura “mítica” da alegoria, que supõe uma ascensão de um lugar de erro para um lugar de verdade; e uma leitura propriamente “filosófica”, na qual a verdade se manifesta como um trânsito, um evento de desvelamento que é inseparável do seu velamento constitutivo. Essa concepção de verdade

como desocultamento (*aletheia*) e não como correção (*orthotes*) de uma proposição é central para o pensamento heideggeriano, que busca recuperar a experiência grega original do ser como *physis*, um emergir que se mostra (Heidegger, 2000 [1953]). Posteriormente, a investigação sobre esse acontecer da verdade direciona-se para a obra de arte. Leyte (2024) afirma que, no ensaio de Heidegger intitulado *A origem da obra de arte*, a arte passa a ser o lugar privilegiado em que a verdade acontece como um combate entre *mundo* (o manifesto) e *terra* (o que se retrai e se oculta). A obra de arte institui esse conflito, inaugurando um campo de sentido no qual os entes podem aparecer. Essa função da arte de instaurar novas formas de desocultamento do ser é, a propósito, um tema recorrente na fase tardia do pensamento de Heidegger, como bem apontam Dreyfus e Wrathall (2005).

Já no capítulo quatro, “Historia y metafísica”, Leyte (2024) reflete sobre a radicalização heideggeriana do sentido histórico da verdade, ocasião em que se distingue a *história*, enquanto reconstrução científica do passado; da *historicidade*, o acontecimento decisivo da existência. A história do ser é apresentada como a interrupção da concepção lógico-diacrônica do tempo, sendo o próprio ser sua história. O autor desenvolve a articulação entre um “primeiro começo”, identificado com a metafísica e seu percurso da Grécia antiga à modernidade, e um “outro começo”. Este último, faz-se um alerta, não representa uma nova época, mas a tarefa de reconhecer a finitude do ser como acontecimento (*Ereignis*), um evento que não se submete à cronologia (Heidegger, 1972 [1927]). A metafísica é, dessa maneira, interpretada sob a condição de um processo de esquecimento do ser, cuja constituição ontoteológica reduz a diferença a uma identidade, o que culminaria no niilismo. Essa análise da história da filosofia como um desvelamento e, simultaneamente, um ocultamento do ser, dialoga com a própria investigação de Heidegger (2000 [1953]) sobre a *physis* e seu “vigor emergente” no pensamento grego inicial, um vigor que se perdeu com a ascensão do platonismo.

O quinto e último capítulo da obra, denominado “La casa del ser”, mergulha na virada do pensamento heideggeriano a partir de uma análise da *Carta sobre o humanismo*, publicada em 1947. Leyte (2024) argumenta que esse texto representa uma inflexão fundamental, na qual Heidegger recapitula expressamente a obra *Ser e tempo* para anunciar sua superação. A ontologia fundamental, antes centrada no *Dasein* (*ser-ahí*), é reavaliada como um ponto de partida desviado, uma vez que teria partido de um ente para pensar o ser. A crítica ao humanismo é contextualizada não como uma negação do humano, mas como uma recusa em posicioná-lo como centro e fundamento da verdade. A *ek-sistencia* é ressignificada como *o claro*, o lugar aberto onde o ser e o homem habitam em mútua correspondência, tendo o homem

se posicionado como “pastor do ser”. A linguagem deixa de ser um instrumento para se tornar, então, a “casa do ser”, o âmbito do desocultamento, por nós já aludido. Essa concepção de uma morada poética, como entendem Dreyfus e Wrathall (2005), está ligada ao pensamento tardio do filósofo sobre a *quadratura (Geviert)* – a reunião de terra, céu, mortais e divinos –, que constitui a estrutura de um habitar não metafísico.

Em conclusão, deve-se mencionar que a clareza expositiva e a organização conceitual que Arturo Leyte imprime à sua análise do pensamento heideggeriano são expressivas, fato que confere à obra uma aparência didática que, no entanto, pode ser enganosa. A tese do autor, que põe em articulação a trajetória do filósofo alemão em torno do “fracasso” da questão do ser, não constitui um ponto de partida elementar. Ao contrário, parece-nos que ela opera como uma chave hermenêutica de alta complexidade, cujo pleno potencial se revela apenas para o leitor já um tanto imerso nas dificuldades dos textos originais. A interpretação de Leyte (2024) sobre a analítica existencial, por exemplo, assume uma compreensão prévia da dissolução do sujeito cartesiano e da estrutura do ser-no-mundo, cuja constituição é bem documentada por autores como Dreyfus e Wrathall (2005). Por conseguinte, o livro alvo desta resenha mostra-se menos como um manual propedêutico e mais como uma referência para estudos aprofundados, um aparato crítico para pesquisadores que vêm percorrendo os caminhos do pensamento de Heidegger.

Reitera-se que o diagnóstico de Leyte (2024) sobre o “fracasso” encontra uma correspondência precisa no próprio pensamento tardio de Heidegger, que lamentava o empobrecimento semântico da palavra “ser” (Heidegger, 2000 [1953]), desprovido de força nominativa. Essa conexão sustenta a profundidade da exegese do autor. Entretanto, a própria consistência dessa narrativa unificadora suscita uma interrogação: poderia a centralidade do “fracasso” do ser, enquanto categoria interpretativa, obscurecer outros modos de comportamento no pensamento heideggeriano que não se definem pela lógica do malogro ou da superação? A noção de *serenidade (Gelassenheit)*, por exemplo, tal como examinada por certos comentadores, sugere-nos uma atitude de “ser no mundo sem ser do mundo”, como menciona Chillón (2018), um deixar-ser que se posiciona diante do mundo técnico, não como uma luta fadada ao insucesso, senão como uma forma de libertação. Abre-se, desse modo, a questão sobre se a leitura de Leyte (2024), quando ele examina a trajetória heideggeriana sob a luz do “fracasso”, não projeta, involuntariamente, uma penumbra sobre disposições mais silenciosas, porém não menos significativas, de seu pensamento filosófico.

REFERÊNCIAS

BOEDEKER JR., E. C. *Phenomenology*. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (org.). **A companion to Heidegger**. Malden (Estados Unidos da América): Blackwell Publishing, 2005. p. 156-172.

CHILLÓN, J. M. Ser en el mundo sin ser del mundo: serenidad y direcciones del cuidado en Heidegger. **Pensamiento**, Madrid (Espanha), v. 74, n. 281, p. 661-680, 2018.

DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. Martin Heidegger: An introduction to his thought, work, and life. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (org.). **A companion to Heidegger**. Malden (Estados Unidos da América): Blackwell Publishing, 2005. p. 1-15.

HEIDEGGER, M. **Introduction to metaphysics**. Tradução de G. Fried e R. Polt. New Haven (Estados Unidos): Yale University Press, 2000 [1953].

HEIDEGGER, M. **On time and being**. Trad. J. Stambaugh. New York (Estados Unidos da América): Harper & Row, 1972 [1927].

LEYTE, A. **Heidegger: el fracaso del ser**. Madri (Espanha): Shackleton Books, 2024. Obra original publicada em 2015.

SHEEHAN, T. *Dasein*. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (org.). **A companion to Heidegger**. Malden (Estados Unidos): Blackwell Publishing, 2005. p. 193-213.

WRATHALL, M. Martin Heidegger. In: ZALTA, E. N.; NODELMAN, U. (org.). **The Stanford encyclopedia of philosophy**. Stanford (Estados Unidos da América): Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2025. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/heidegger/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

Recebido em: **27/08/2025**

Aprovado em: **04/11/2025**